

AUTOBIOGRAFIA DE ALICE B. TOKLAS:
A MODERNA AUTOBIOGRAFIA DE GERTRUDE STEIN

Lucilene Canilha Ribeiro
FURG

No âmbito dos estudos literários, ainda hoje existe certa resistência em aceitar as biografias e autobiografias como textos literários. Muito se fala a respeito de se considerar ficção, ou não, os textos que narram a vida do próprio autor. Geralmente, as dúvidas estão situadas na especulação de um fato ser ou não verdadeiro, ou seja, realmente ter acontecido daquela forma como está narrado. Para entender essas questões é sempre importante lembrar que toda autobiografia é também ficção/criação. Porém, a especificidade dessa ficção – e em algumas obras isso é mais acentuado – fornece subsídio para uma ampla discussão. Que a autobiografia pode ser considerada como obra literária é um consenso aceitável na crítica, mas os limites que justificam o texto como tal ainda são muito frágeis.

A conceituação de autobiografia é muito maleável devido à multiplicidade de obras existentes sob essa denominação. Como em todos os gêneros, algumas obras são mais transgressoras do que outras e isso faz com que o gênero se renove. Um exemplar que foge aos padrões é o livro *A autobiografia de Alice B. Toklas*, de Gertrude Stein¹². A obra, lançada originalmente em quatro partes na revista *Atlantic Monthly*, foi publicada em livro no ano de 1933 por uma editora nova-iorquina. A narradora, Alice, narra um momento profícuo para as artes, mais especificamente, o início do século XX parisiense.

O primeiro contrassenso, se pensarmos nas autobiografias mais tradicionais, já está no título do livro e no nome da autora. Isso porque, quando lemos “autobiografia”, entendemos que o autor fará uso das próximas páginas contando sua própria experiência de vida. Mas não é exatamente o que acontece aqui. Quem fala é Alice Babette Toklas, uma norte americana que vai a Paris em 1907 e conhece Gertrude Stein em seu primeiro dia na cidade. As duas tornam-se amantes e vivem juntas até a morte de Stein em 1946. O livro conta um pouco da história da autora através dos olhos de sua companheira.

A autora declara sua definição de autobiografia no livro *Autobiografia de todo mundo*, no qual sustenta que “Qualquer coisa é uma autobiografia” (STEIN, 1983, p. 9). Essa reflexão se dá após a publicação da obra anteriormente citada, que foi impulsionadora da autora no campo literário, mas também lhe trouxe algumas dúvidas. Dúvidas e pormenores que a escritora amplia ao escrever a segunda autobiografia. Ela continua, referindo-se ao gênero como sendo agradável a

¹² Escritora estadunidense nascida em 1874. Morou em Paris até a data de seu falecimento em 1946. Na França, no início do século XX, construiu um círculo de amizades, constituído pelos nomes mais significativos dos movimentos artísticos de vanguarda europeia, tais como: Picasso, Cocteau, Apollinaire, Matisse, Joyce, Hemingway, Pound, etc. Sua casa (situada no número 27, rue de Fleurus) tornou-se famosa por ter sido um ponto de encontro dessas personalidades no período em questão. Recentemente, a escritora foi brevemente ficcionalizada no cinema pelo cineasta Woody Allen, em “Meia-noite em Paris”, no qual também podemos ver a residência onde se concentravam os principais artistas da época.

todos e, com isso, justifica a continuidade em narrar a vida sob o ponto de vista da escrita autobiográfica: “Mas autobiografia é fácil, goste-se ou não autobiografia é fácil para qualquer um e assim esta será a autobiografia de todo mundo” (STEIN, 1983, p. 10).

De acordo com Clara Rocha “Autobiografias de desconhecidos e relatos pessoais de figuras públicas são, pois, produtos de consumo corrente nos nossos tempos de curiosidade ‘voyeurista’.” (ROCHA, 1992, p. 11). Isso talvez justifique o grande interesse de público e mercado pelas autobiografias ou, de maneira mais simples, como nos fala Stein, o fato é que todo mundo gosta de ler autobiografias. Além da farta aceitação do público, outro elemento impulsionador do crescimento da publicação pode ser o crescente número de obras escritas discorrendo sobre esse tema: “o desenvolvimento da literatura autobiográfica se deve, em grande parte, à influência do individualismo e das formas específicas que este adoptou pelo facto de eclodir numa cultura cristã” (ROCHA, 1992, p. 15). Stein consegue um grande número de leitores com a sua primeira autobiografia e talvez por isso tenha se animado a escrever a segunda. Ela diz: “escrevi a Autobiografia de Alice B. Toklas e desde então muitas coisas importantes aconteceram” (STEIN, 1983, p. 16).

Sabemos que a autobiografia já era um gênero reconhecido dentro da literatura desde *As confissões*, de Rousseau, mas Stein se destaca por ser ousada com a construção de sua obra. O momento de Rousseau era propício à escrita das suas confissões, se levamos em conta o momento histórico onde prevaleciam o individualismo romântico e a influência capitalista e cristã. O momento (tempo e espaço) de Stein, década de 30 do século XX em Paris, foi uma época marcante na cultura ocidental, visto que foi palco das principais manifestações das vanguardas europeias.

É informação recorrente que Stein manteve relações de amizade com grandes nomes das vanguardas europeias, como Pablo Picasso (Cubismo), Tristan Tzara (Dadaísmo), Matisse (Fauvismo) etc. Além desses, grandes nomes da literatura moderna como Ernest Hemingway, Ezra Pound e James Joyce também frequentavam a casa de Stein e pertenciam ao seu círculo de amizades. Todos (em maior ou menor grau) são representados no romance e podemos ver neles mais do que figurantes da obra de Stein, visto que são também inspiradores da narrativa dela. A crise de identidade do eu moderno propicia uma busca por si mesmo e as narrativas autobiográficas auxiliam nessa tarefa.

Essa instabilidade do eu explica a escolha narrativa de Stein, que não é apenas um artifício usado para causar estranhamento, mas para trazer novos significados ao texto. A maioria dos textos autobiográficos utiliza a primeira pessoa na instância do narrador, geralmente o autor é quem fala, como acontece em *A autobiografia de todo mundo*. Em *A autobiografia de Alice B. Toklas*, a narração também parte da primeira pessoa, mas há divergência entre o nome do autor e o nome do narrador. Quem narra é Alice e não Stein, mesmo que a história que esteja sendo contada seja a de Gertrude. A narradora expõe muito rapidamente sua origem e, já no primeiro capítulo, conta como conheceu Stein e foi morar com ela em Paris. O segundo capítulo começa da seguinte maneira:

Corria o ano de 1907. Gertrude Stein acabava de pôr *Três Vidas* no prelo, publicado em edição particular, e já estava adiantada com *A Evolução dos Americanos*, o seu livro de mil páginas. Picasso tinha aprontado o retrato que fizera dela, que na época não agradou a ninguém, a não ser ao pintor e à modelo, e que hoje é tão famoso, e já dava início ao seu estranho e complicado quadro com as três mulheres, Matisse completara *Bonheur de Vivre*, a primeira grande composição que lhe granjeou o nome de *fauve* ou fera. [...] Tem muita coisa para se contar sobre o que estava então acontecendo e sobre o que já acontecera, até chegar àquele momento. Mas agora preciso descrever o que vi quando cheguei. (STEIN, 1984, p. 11)

Nesse sentido, Alice faz-se notadamente escritora e contadora de suas memórias, em momentos como esse: “Antes de me decidir a escrever este livro sobre os meus vinte e cinco anos com Gertrude Stein, muitas vezes dizia que ia escrever *As Mulheres de Gênios com Quem já Sentei*” (STEIN, 1984, p. 17). Ou ainda neste: “Depois eu conto a história toda como me foi contada, mas agora tenho que procurar Fernande e me oferecer para tomar aulas de francês com ela” (STEIN, 1984, p. 21). Nesses dois excertos, percebemos a presença de Alice como narradora de sua própria vida, porém ela se dilui em capítulos como o “Gertrude Stein em Paris 1903-1907”, no qual são narradas as memórias de Stein, de sua chegada a Paris, dos anos de faculdade, etc. A história contada nessa parte é a da escritora, Alice ainda não a conhecia e sua riqueza de alguns detalhes nos leva a perceber que a autobiografia realmente é de Gertrude e não de sua companheira. Em determinado momento, a narradora dirige o leitor a essa conclusão quando diz:

Um dia Gertrude Stein comentava qualquer coisa a respeito de si mesma e Roché dizia, ótimo, ótimo, que bom, isso é importantíssimo para a sua autobiografia. Ficou tremendamente comovida, era a primeira vez que realmente se dava conta de que um dia teria uma biografia. (STEIN, 1984, p. 41)

No capítulo posterior, a narrativa ainda se debruça sobre a vida da escritora antes de conhecer Alice. Nesse momento, a ligação de Stein ao seu texto fica mais forte, com passagens que recordam sua infância, por exemplo:

Moravam três anos em Viena, o pai, nesse entretanto, tendo viajado à América para tratar de negócios, e depois mudaram-se para Paris. De lá Gertrude Stein guarda recordações bem nítidas. Lembra-se de uma escolhinha onde ela e a irmã mais velha ficaram como internas e onde havia uma garotinha no canto do pátio que as outras colegas lhe preveniram de que não devia se aproximar, pois arranhava. Lembra-se também da terrina de sopa com pão francês de manhã cedo e lembra-se ainda que tinha carne de ovelha e espinafre no almoço e que, gostando muito de espinafre e não fazendo questão da ovelha, trocava com a garotinha que sentava do outro lado da mesa. Lembra-se também que todos os três irmãos mais velhos apareciam para visitar as duas na escola, montados a cavalo. E do gato preto que saltou do teto da casa onde moravam em Passy, da mãe que se assustou e de uma pessoa desconhecida que acudiu. (STEIN, 1984, p. 63)

Aqui podemos verificar que a narradora conta vários detalhes desconexos da infância de Stein. As memórias são transpostas e acomodadas pelo discurso, mas mesmo assim há uma simulação da lógica memorialística, ou seja, uma ordenação caótica. Em ensaio intitulado “Memória e imaginário”, Raquel Souza, descreve o processo de representação narrativa da memória da seguinte maneira:

Para discorrer sobre a memória, cuja essência é a imagem que se movimenta, preciso usá-la no momento em que a penso. Como um círculo ininterrupto de relações paradoxais entre realidade e ficção, através do qual a memória salta e exerce seu poder articulador de inteligibilidade, eu me encontro em uma espécie de gozo e sofrimento para redigir tudo aquilo que me acorre e socorre na minha memória sobre a “memória”. Trata-la em seu aspecto sinestésico, através do qual os conteúdos do passado possam emigrar para o presente do ser-devaneante, pressupõe considerá-la nas relações intrínsecas do trinômio: memória, imaginário e movimento. (SOUZA, 2010, p. 247)

A teórica descreve o processo que usa para organizar suas “memórias acerca da memória”, mimetizando os processos narrativos que utilizam fartamente esse artifício. Da mesma forma, Stein transpõe suas memórias através da voz de Alice, enumerando e superpondo as lembranças que se manifestam mais plenamente através dos sentidos estimulados.

O uso da categoria da temporalidade também revela estratégias técnicas que remontam aos recursos da memória. A organização dos capítulos não possui uma ordem cronológica e em muitos momentos verificamos que a narradora usa de analepses e prolepses para representar a dispersão de um discurso que evoca as idas e vindas do pensamento. Assim, certos trechos revelam a consciência de Alice acerca da sobreposição de situações que, apesar de se apresentarem sincronicamente ao raciocínio, exigem organização cronológica nos sintagmas narrativos, como podemos ver a seguir:

Tem muita coisa para se contar sobre o que estava então acontecendo e sobre o que já acontecera, até chegar àquele momento. Mas agora preciso descrever o que vi quando cheguei. (STEIN, 1984, p. 11)

Depois eu conto a história toda como me foi contada, mas agora tenho que procurar Fernande e me oferecer para tomar aulas de francês com ela. (STEIN, 1984, p. 21)

Vários anos depois, quer dizer, poucos anos atrás, quando Juan Gris, que todos nós amávamos muito, morreu (STEIN, 1984, p. 22)

E agora vou lhes contar como duas americanas se viram, por acaso, bem no centro de um movimento artístico que o resto do mundo, na época, ignorava por completo. (STEIN, 1984, p. 28)

E agora, mais uma vez, retomando o fio da meada, voltemos à volta de todas as viagens deles e a Picasso, convertendo-se em líder de um movimento que depois ficaria conhecido como cubismo. (STEIN, 1984, p. 55)

Quem mais veio? Houve tantos. (STEIN, 1984, p. 104)

Aí de repente, segundo me lembro, houve uma série de conferências de Lord Grey com o ministro russo de relações exteriores para evitar a guerra. (STEIN, 1984, p. 124)

Mas voltando às coisas que estavam acontecendo. (STEIN, 1984, p. 180)

Tudo isso, porém, eu pretendo contar mais adiante. Voltando agora à pintura. (STEIN, 1984, p. 187)

Ou então, a forte presença da autora em trechos onde o seu discurso indireto não se diferencia do discurso da narradora. No princípio da citação, há certa divisão, mas logo em seguida não encontramos mais elementos que demarquem onde começa um e termina o outro:

Mas você nunca lê em francês? perguntei-lhe, como tanta gente fazia. Não, respondeu-me. Sabe, eu sinto é com os olhos e para mim não faz nenhuma diferença a língua que ouço línguas, ouço timbres de voz e ritmos, mas com os olhos vejo palavras e frases e para mim só existe uma única língua, o inglês. Uma das coisas que mais me agradou durante estes anos todos é viver rodeada por pessoas que não sabem inglês. Isso me deixa mais completamente a sós com meus olhos e com meu inglês. Do contrário não seria possível manter esta total intimidade com minha própria língua. E eles, nenhum deles, puderam ler uma só palavra do que escrevo, a maioria aliás nem sabia que eu escrevia. Não, eu gosto é de viver no meio de uma porção de gente e de ficar completamente sozinha com o inglês e comigo mesma.

Um dos capítulos de A Evolução dos Americanos começa assim: Eu escrevo para mim e para as pessoas estranhas. (STEIN, 1984, p. 61-62)

Neste caso, fica difícil tentar entender essa autobiografia através de teorias como a de Philippe Lejeune, em que existe certa rigidez de conceitos. A autora do início do século XX transgrediu o conceito clássico e o que estava ainda por vir sobre autobiografia. A autora e a narradora (uma ou as duas, tanto faz) mencionaram em mais de um momento a consciência da posição de vanguarda que Stein assumia no mundo literário, como por exemplo, no trecho a seguir:

“Gertrude Stein havia escrito a história de negra Melanctha, a segunda das Três Vidas, que seria o primeiro passo definitivo para encerrar a literatura do século dezenove e iniciar a do século vinte” (STEIN, 1984, p. 48). Stein era uma mulher a frente de seu tempo e a maneira como manejava o seu carro, segundo a descrição no livro, dizia muito de seu comportamento:

Errada ou não, disse Gertrude Stein, vamos seguir adiante. Ela não sabia dar marcha à ré e não hesito em afirmar que mesmo hoje, quando é capaz de dirigir qualquer tipo de carro em tudo quanto é lugar, ainda não consegue dar marcha à ré direito. Para a frente, vai que é uma maravilha, é para trás que não tem jeito. As únicas discussões violentas que tivemos em relação à sua maneira de dirigir foram sempre por causa da marcha à ré. (STEIN, 1984, p. 145-146).

Em sua teoria, Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). A definição é quase compatível com a obra de Stein, o diferencial se localiza justamente na “situação do autor” que, de acordo com o teórico francês, seria invariavelmente correspondente a do narrador. Por diversos indícios textuais, podemos verificar que a obra fala da vida de Stein e que Alice é uma narradora testemunha desse processo, logo as categorias de autor e narrador são preenchidas por pessoas diferentes. A relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem é diluída.

Stein fala de si utilizando a primeira pessoa, mas o faz por intermédio da primeira pessoa de Alice, situação enfatizada já pelo título do livro. E seu propósito principal é falar de si como escritora através da voz da companheira. Quando a narradora a conheceu, ela já escrevia, mas ainda não havia publicado seus escritos. É Alice que tomará conta da parte prática da editoração das obras de Stein.

É corrente em autobiografias que os autores se debruçam sobre o seu ofício de escritor como acontece em *Autobiografia de Alice B. Toklas*. A história aqui se estende da infância até a afirmação de Stein no mundo literário. O que se conta nessas páginas não são trivialidades e tampouco momentos da vida íntima que não tenham significação direta com as artes de maneira geral. E sendo a carreira literária de Stein a força-motriz da obra, entende-se melhor porque a figura de Alice é tão destacada e aparentemente sobreposta à de Gertrude. A companheira da escritora foi uma peça fundamental na divulgação e preservação de seus livros.

Em vários momentos observamos trechos nos quais se explicita essa situação, das simples cópias e transcrições de texto de Stein à efetiva publicação:

Cada país desfilava de um jeito particular, alguns devagar, outros depressa, os franceses incomparáveis na maneira de segurar as bandeiras [...] Foi essa cena que Gertrude Stein descreveu no roteiro cinematográfico que estava escrevendo na época e que **publiquei** em *Óperas e Peças de Teatro na Edição Simples*. (STEIN, 1984, p. 160) [grifo meu]

Hemingway entrou entusiasmadíssimo e disse que Ford queria alguma coisa de Gertrude Stein para o próximo número e que ele, Hemingway, queria que *A Evolução dos Americanos* saísse em capítulos e precisava levar as primeiras cinquenta páginas sem perda de tempo. Gertrude Stein, é claro, ficou simplesmente vibrando de entusiasmo com essa ideia, mas não existia nenhuma cópia do manuscrito além da que tínhamos mandado encadernar. [...] E nós dois, **ele e eu, copiamos** o manuscrito e o fragmento saiu publicado no número seguinte da *Transatlantic*. Assim, pela primeira vez, um trecho da obra monumental que marcou o início, o verdadeiro início, da literatura moderna, foi divulgado e nós ficamos felicíssimas. (STEIN, 1984, p. 179) [grifo meu]

Mas Alice realmente toma frente nas decisões editoriais de sua companheira após uma publicação desastrosa, como se pode ver no trecho a seguir:

A nossa esperança era que Brewer pudesse ser esse tipo de editor. Publicou Conhecimentos Úteis com resultados muito abaixo da expectativa e, em vez de continuar e aos poucos criar um público para a obra de Gertrude Stein, foi protelando e finalmente disse não. Suponho que fosse inevitável. Mas a questão era essa e continuou sendo.

Aí então eu mesma comecei a pensar em publicar a obra de Gertrude Stein. Pedi-lhe para inventar um nome para a minha edição e ela riu e disse, chame de Edição Simples. E Edição Simples é o que ela é.

Tudo o que eu sabia sobre o que teria que fazer era que teria que publicar o livro e depois tratar de distribuí-lo, isto é, vender.

Perguntei a todo mundo como é que se faziam essas duas coisas.

A princípio pensei em procurar um sócio mas a ideia logo me desagradou e resolvi fazer tudo sozinha. (STEIN, 1984, p. 200)

A autobiografia moderna também pode ser vista como um dos efeitos causados pela instabilidade do eu que se estabelece na sociedade ocidental. Em *Autobiografia de Alice B. Toklas*, podemos verificar que aos poucos a autora vai se interessando pelo gênero: “Foi nessa época que Gertrude Stein leu em voz alta para mim todas as cartas da rainha Vitória e ela própria começou a interessar-se por autobiografias e diários de missionários” (STEIN, 1984, p. 138). Em busca do eu fragmentado e obscuro, Stein opta por construir uma autobiografia sob a figura de Alice, sua companheira que até aquele momento já havia vivido com ela durante vinte e cinco anos. Inevitável que a vida de uma estivesse intimamente relacionada com a da outra, mas, mais do que isso, Stein registra nessa obra uma parte de si vista pelo seu duplo. Entendemos isso mais claramente no fim quando a autora escreve sobre a indivisível ligação de suas existências:

Já faz algum tempo que muita gente, inclusive editores, vem pedindo que Gertrudes Stein escreva a sua autobiografia e ela sempre respondeu, de maneira nenhuma.

Começou a brincar comigo dizendo que eu devia escrever a minha. Pense só, dizia, quanto dinheiro você não ia ganhar. Aí começou a inventar títulos para a minha autobiografia. [...]

Faz umas seis semanas que Gertrude Stein disse, está querendo me parecer que você nunca vai escrever a tal autobiografia. Sabe o que eu vou fazer? Vou escrever ela para você. Vou escrevê-la com a mesma simplicidade com que Defoe escreveu a autobiografia de Robinson Crusoe. E ela escreveu e é isto aqui. (STEIN, 1984, p. 207-208)

A referência a Defoe e seu Robinson Crusoe não é gratuita. Nós estamos aqui frente a uma autobiografia declaradamente ficcional, que tem conhecimento dos limites de seu gênero, e quer, a todo o momento, extrapolá-los. Tudo é ficção, e, sendo ficção, as possibilidades criativas se multiplicam. Na criação da história da sua vida, Stein mostra-se consciente da importância da presença de Alice. Seu papel no livro parece concordar com os documentos históricos que falavam de uma mulher que esteve ao lado de sua companheira durante muitos anos em uma relação estável e construtiva para Gertrude. Alice tornava a vida de Stein mais fácil: seja na hora de receber e entreter as mulheres dos artistas, na sala de visita, enquanto eles se reuniam com a escritora; seja na organização e publicação de sua obra; ou até mesmo na escrita de sua autobiografia que ela evitou até aquele momento. O que fica para o leitor, é a consciência de que, sem Alice, não existiria Gertrude, e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

ROCHA, Clara Crabbé. *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1992.

SOBRAL, Luís Felipe. *Alice dupla de Gertrude*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100015&script=sci_arttext. Acesso em: 5 set. 2012.

SOUZA, Raquel. Memória e imaginário. In: BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 247-268.

_____. Autobiografias podem ser consideradas literatura? Disponível em: http://raquelrsouza.blogspot.com.br/2012/09/autobiografias-podem-ser-consideradas_3004.html. Acesso em: 15 set. 2012.

STEIN, Gertrude. *Autobiografia de Alice B. Toklas*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

_____. *Autobiografia de todo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

VALMONT, Cris. *Alice B. Toklas*. Disponível em: <http://anosloucos.blogspot.com.br/2010/01/alice-b-toklas.html>. Acesso em: 8 set. 2012.

